

FACULDADE ADVENTISTA DE TEOLOGIA

MATÉRIA: HISTÓRIA DO ADVENTISMO – 2008

DESENVOLVIDO POR:

EDUARDO NETO

JOÃO VICENTE

RICARDO RIBEIRO

RAFAEL PORTO

OSCAR PEREIRA.

INTRODUÇÃO

Nos primórdios da Igreja Adventista do Sétimo Dia, a ênfase parecia repousar no que o homem deve fazer, ao invés de sobre o que Cristo fez pelos seus. Os fundadores do Adventismo necessitavam avançar no entendimento de que nenhuma pessoa pode, por si mesma, render obediência aos justos requerimentos de Deus, e que todos dependem exclusivamente do Salvador para sua justificação.

Nas décadas de 1870 e 1880 os Adventistas eram conscientes de que havia uma tarefa a ser cumprida antes do retorno de Jesus. Deveriam restaurar a verdade do sábado. Acreditavam que sua guarda seria uma prova, divinamente ordenada, para demonstrar se os que professavam amar a Deus realmente o amavam.

Uriah Smith fazia parte dessa geração de Adventistas, chamados e, por vezes, ridicularizados como legalistas, que estudavam a Bíblia com o fim de encontrar apoio para suas crenças acerca do sábado. Buscavam o debate. E por defenderem com tanta firmeza a perpetuidade dos Dez mandamentos, cada vez mais se afastavam da compreensão de que só a justiça de Cristo, oferecida com amor e aceita pela fé, torna o homem aceitável diante de Deus.

O conteúdo deste trabalho abordará de forma clara, o difícil processo que levou Uriah Smith ao desenvolvimento de sua compreensão da justificação pela fé.

CAPÍTULO I

A JUSTIFICAÇÃO PELA FÉ ATRAVÉS DOS SÉCULOS

A doutrina da justificação pela fé é tão antiga quanto a própria religião cristã. É um equívoco supor que ela tenha começado com Lutero e os reformadores. “Sei que mediante a graça somos salvos, não por obras, mas sim, pela vontade de Deus em Jesus Cristo”, já dizia Policarpo, discípulo de João, falecido em 155 d.C. Justino Mártir (falecido em 165 d.C.), escreveu: “Não mais pelo sangue de bodes e carneiros, nem pelas cinzas de uma novilha... são purificados os pecados, e sim pela fé, mediante o sangue de Cristo e de Sua morte, que por essa razão morreu”. “A graça é algo doado. É chamada graça porque ela é concedida gratuitamente. “Você não comprou por nenhum mérito pessoal o que tem recebido”, afirmava Agostinho.

A compreensão da justiça pela fé remonta aos primórdios da Igreja. Embora obscurecida durante a época medieval, essa verdade mantinha seus fiéis representantes, dentre os quais destacamos os Valdenses. Num período em que a religião predominante “vendia” a salvação na forma de indulgências, homens como Wycliffe, chamado “a estrela da manhã da reforma”, John Huss, entre outros, defendiam febrilmente a salvação pelos méritos de Cristo.

Em 1517 irrompe a Reforma, dando voz aos gritos sufocados pela intolerância religiosa. Lutero, Calvino e seus contemporâneos reafirmam e resgatam a justificação pela fé. Roma não mais deveria mercadejar com a graça de Deus. A Reforma se espalha, ganha espaço. “Justificados mediante a fé”, prosseguem reformando as verdades corrompidas. No século XVIII John Wesley se destaca na pregação da justiça que vem da fé.

Mas o tempo passa, e a glória da Reforma se desvanece. As igrejas protestantes tornam-se liberais e afrouxam as rédeas, tornando a graça pretexto para o pecado. Sem apreço pela Lei, a visão de graça tornou-se exagerada. Nesse contexto, protestantes conservadores e ortodoxos sentiram a necessidade de valorizar e restaurar a observância da Lei, equilibrando assim os extremos. Na tentativa de “proteger” os princípios, entra em cena o legalismo. Estabelece uma norma rígida, segundo a qual, as obras, assim como a fé, constituem um pré-requisito imprescindível para a salvação. Foi esse o legado que os pioneiros da IASD, inclusive Uriah Smith, herdaram de suas denominações de origem.

Origem do Movimento Legalista

O Adventismo hoje é um movimento internacionalmente conhecido e familiar tanto a cristãos como a não cristãos. Somos vistos como um povo pacífico, com uma estrutura bem organizada, com um forte senso de missão e um trabalho bem estabilizado no mundo.

Mas nem sempre foi assim. O movimento Adventista foi marcado por contendas contra as mais populares igrejas do mundo. Seus aderentes eram poucos em número e desorganizados, e estavam sendo diluídos com outras doutrinas pregadas. Os primeiros crentes eram pobres e mundialmente dispersos. Não tinham nenhum seminário para treiná-los, e eles pregavam a pequenos rebanhos em suas modestas casas ou escolas no interior, vilas ou cidades. As construções de igrejas e instituições eram inexistentes. Esse pequeno movimento estava predestinado a desaparecer.

Mas o movimento cresceu, tornando-se um vigoroso corpo, espalhando-se por toda a América e por outras terras, organizando igrejas, edificando capelas, desenvolvendo casas publicadoras, estabelecendo escolas e construindo centros médicos. Dado o crescimento e a expansão ocorrida, muitos dos outros ministros de outras denominações se tornaram apreensivos. Conscientes de que a IASD estava realmente começando a causar um impacto em todo o mundo e nos membros de suas próprias igrejas, tais ministros se alarmaram e se moveram para salvar seus rebanhos dessa estranha, mas convincente doutrina. Perigosos sinais estavam aparecendo. Desde os púlpitos e imprensas, avisos estavam soando do alarmado clero. Panfletos, jornais e livros foram publicados denunciando as doutrinas dos Adventistas. O sábado veio a ser o especial objeto de ataque.

A fim de contrariar as evidências bíblicas sobre a observância do sétimo dia, pregadores protestantes produziram as mais fantásticas evidências e argumentos para provar que Deus havia mudado e abolido a Lei moral dos Dez mandamentos. Isso apesar de suas próprias crenças e credos, ou confissões de fé, fazerem absolutamente claro que a Lei dos Dez mandamentos é imutável e eterna como seu Autor.

Os ministros Adventistas e escritores constantemente eram chamados para reuniões para depor seus argumentos e exposições. Às vezes os evangelistas eram desafiados para debater as questões propostas. Muitos deles tornaram-se especialistas em debates e raramente perdiam alguma "rixa teológica".

Por causa dessa intensa guerra contra a Lei e o sábado, os pregadores Adventistas foram forçados a dedicar mais tempo, pensando sobre matérias controversas. As principais eram: a doutrina da graça, dos evangelhos e da cruz de Cristo, conversão, santificação e justificação pela fé.

Depois de tantos debates e veementes defesas à Lei de Deus, realizadas pelos ministros, as conseqüências foram drásticas. Esses mesmos ministros começaram a se tornar legalistas, pregando unicamente a salvação através da guarda de todos os mandamentos. Esses debates não estavam mais produzindo um bom efeito e os evangelistas começaram a causar uma má influência sobre seu auditório e seus oponentes.

Ellen White denunciou essa prática com uma linguagem bem direta: “Essas discussões”, escreveu, “orais ou escritas, igualmente, produzem mais danos do que benefícios”. E ainda movida pela verdade, falou:

Aquele que gosta de entrar em discussões geralmente perde a espiritualidade. Eles não confiam em Deus como deveriam. Eles têm a teoria da verdade preparada para chicotear o oponente. O sentimento de seus próprios não santificados corações tem estado afiado para sempre que possível chicotear os oponentes assim irritando-os e provocando-os. O espírito de Cristo não tem parte nisso.

Referindo-se a esses fatos no sermão pregado em Otsego, Michigan, em 10 de outubro de 1890, Ellen White reafirma:

Ao apresentar as vigentes reivindicações da Lei, muitos têm deixado de descrever o infinito amor de Cristo. Os que possuem tão grandes verdades, tão importantes reformas a apresentar ao povo, não têm reconhecido o valor do sacrifício expiatório como expressão do grande amor de Deus ao homem. O amor a Jesus, e o amor de Jesus aos pecadores, têm sido deixados fora da experiência religiosa dos que foram comissionados a pregar o evangelho e o próprio eu tem sido exaltado, em vez do Redentor da humanidade... Muitos sermões pregados sobre as reivindicações da Lei têm-se feito sem apresentar a Cristo, e esta falta tem tornado a verdade ineficaz na conversão de almas.

No mesmo sermão ela fala:

A Lei deve ser apresentada ao transgressor, não como algo à parte de Deus, mas antes, um expoente de Seu pensamento e caráter. Como o brilho do Sol não pode ser separado do Sol, assim, a Lei de Deus deve ser apresentada corretamente ao homem à parte de seu autor. O mensageiro deveria estar habilitado a dizer “Na Lei de Deus se revela a Sua vontade.”

Ela ainda enfatiza a maravilhosa graça de Deus:

Sem a graça de Cristo é impossível dar um só passo na obediência à Lei de Deus. Quão necessário ao pecador ouvir do amor e do poder de seu Redentor e amigo! Conquanto um embaixador de Cristo deveria declarar positivamente as reivindicações da Lei, deve ele tornar compreensível o que ninguém pode ser justificado sem o sacrifício expiatório de Cristo.

Novo Enfoque Sobre Justificação Pela Fé

A primeira aliança tinha o seguinte lema: “obedece e vive”. Waggoner estava sempre com essa questão em mente. Segundo ele, primeiro vem a justificação e a vida, e só depois vem a obediência. “A antiga aliança não fazia provisão para o perdão de pecados”. Já a nova aliança tinha a justificação pela fé em Jesus, em seu próprio centro. Essa aliança era uma aliança de graça, na qual os cristãos que nasciam de novo possuíam a Lei de Deus em seu coração, e o “andar na Lei” era um modo de vida natural, não pesaroso como o fazia parecer a visão legalista.

O novo concerto, proposto por Waggoner tinha melhores promessas do que somente “obedecer e viver”, esse novo concerto tinha novas idéias: promessa de perdão de pecados e da graça de Deus para renovar o coração e levá-lo à harmonia com os princípios da Lei de Deus.

A mesma Lei que fora gravada em tábuas de pedra é escrita pelo Espírito Santo nas tábuas do coração. Em vez de cuidarmos em estabelecer nossa própria justiça , aceitamos a justiça de Cristo em nosso favor. Seu sangue expia os nossos pecados. Sua obediência é aceita em nosso favor . Então o coração renovado pelo Espírito Santo produzirá os 'Frutos do Espírito' mediante a graça de Cristo viveremos em obediência à Lei de Deus, escrita em nosso coração. Tendo o Espírito de Cristo, andaremos onde ele andou.

Com esse novo enfoque, o Adventistas tradicionais se sentiram ameaçados, pois a obediência fluía de uma relação com Jesus, em vez de conduzir a esse relacionamento. Waggoner cria que nossa salvação depende exclusivamente da infinita graça de Deus através dos méritos de Cristo. Enquanto Uriah Smith falava que a obediência nos leva a Deus, Waggoner dizia que o Deus da graça procura pelos indignos perdidos e toma a iniciativa de salvação. Segundo Waggoner, a Lei não muda ninguém:

Uma pessoa não pode fazer o bem enquanto não se tornar boa primeiro, portanto, as obras feitas por uma pessoa pecadora são inúteis para torná-la justa; ao contrário, pelo fato de procederem de um coração mau, só servem para aumentar a pecaminosidade.

Segundo ele, "Deus não adota seus filhos por que são bons, mas para que sejamos bons". A pessoa salva, de acordo com Waggoner, vive a vida da Lei divina. Ele escreveu: "Uma pessoa não pode amar a Deus e deixar de manifestar isso pelas obras, mais do que pode viver sem respirar". A vitória sobre o pecado vem do poder capacitador do Espírito Santo na vida cristã. Somente os que obtiverem vitória sobre o pecado estarão no reino eterno.

CAPÍTULO II URIAH SMITH

Uriah nasceu no dia 02 de maio no ano de 1832, no pequeno povoado de West Wilton, em New Hampshire. Tinha três irmãos, Annie, John e Samuel. Aos quatro anos, Uriah sofreu uma infecção local, causada por uma enfermidade grave seguida de intensa febre. Após a doença, ficaram as seqüelas. Sua perna foi acometida de uma úlcera e com 12 anos teve de amputá-la acima do joelho esquerdo.

A operação durou 20 minutos. Na época não havia anestésico cirúrgico, e por ser demasiado jovem para ser embebedado, sua perna foi amputada em estado de consciência na casa da família Smith sobre a mesa da cozinha enquanto sua mãe segurava-lhe as mãos. Mas, apesar de tudo, a cirurgia foi um sucesso, não contraindo infecção alguma. Sua coragem e luta contra a dor e o sofrimento formaram em sua vida um sólido alicerce que fizeram dele um homem forte e valoroso.

Em uma carta que Uriah escreveu a J.F. Babaret, na década de 1890 ele assim descreve o trágico evento:

Tive uma necrose óssea na minha perna aos quatro anos de idade. Aos 12, vi-me com uma perna atrofiada e repudiada em um joelho rígido, e a febre manifestando-se novamente. Era evidente que a perna precisava ser cortada, ou eu perderia a vida. Bem, não sei de nada com que se possa cortar uma perna a não ser uma faca. Assim, foi usada uma faca, e não tenho tido problema desde então, exceto o incômodo de usar um membro artificial.

Esta amputação em sua juventude deixou marcas e limitações para a vida futura desse grande homem. Smith enfrentava dificuldades para locomover-se, todavia não permitiu que o desânimo o vencesse. Esta perda tornou-se uma bênção para ele e para outros, pois inventou uma perna mecânica, criada em 1863 e, ao longo de sua vida, patenteou outras sete invenções.

O pai de Uriah, Samuel, sua mãe Rebeca, sua irmã Aanie, e o próprio Uriah, aceitaram a mensagem do Segundo Advento. Após o desapontamento de 22 de outubro de 1844, Smith e sua irmã se afastaram da crença na segunda vinda. Sua mãe conheceu a mensagem do sábado, e junto a José Bates, orou fervorosamente, intercedendo pelos filhos.

Uriah foi estudar na Escola Phillips, sonhando em se tornar um professor, entretanto, por seu pai não ter condições de custear a faculdade, foi trabalhar em um comércio, e assim o fez, até a morte do pai.

Smith se voltou a Deus nesse período, quando ouviu pela primeira vez, no ano de 1852, a mensagem de Tiago e Ellen White. Ficou impressionado com o ensinamento do sábado, e com o verdadeiro significado de 1844, o motivo do anterior desapontamento.

Uriah era um homem extremamente criterioso, por isso, passou três meses estudando por conta própria, a veracidade do que aprendera. Em 1852 renovou sua

entrega ao Senhor, enviando um poema de 35.000 palavras a Tiago que, gostando muito, publicou durante cinco semanas na *Review*.

A partir daí, começou a trabalhar com a equipe publicadora, e durante os próximos 50 anos, esteve ligado à obra de publicação.

Smith era altamente versátil, autor de livros, professor, administrador, inventor, ilustrador, marceneiro, dentre outras habilidades. Compôs alguns hinos. Tinha um imenso prazer em louvar a Deus, escrevendo certa vez que “a música é um dom divino, e deve ser dedicada a propósitos divinos”.

Por ser um homem calmo e sereno, dificilmente se encontrava ansioso ou agitado. No decorrer de sua vida, escreveu mais de 18 livros, e em 1855 se tornou “editor residente”, da casa publicadora, já em Battle Creek. A editora cresceu grandiosamente, dobrando a produção em quatro anos.

No dia 30 de dezembro de 1902, um incêndio destruiu a *Review and Herald*, mudando, após isso, para Washington D.C, por ordens divinas dadas através da profetisa, Ellen White.

Sua vida findou no dia 6 de março de 1903, ao Smith ir a pé ao trabalho, caiu na grama, foi-lhe prestado socorro, no entanto após algumas horas com cuidados médicos, faleceu vítima de tuberculose.

Na edição seguinte prestaram homenagem na *Review*, e a capa da edição, trazia sua foto, algo inédito até então.

Suas últimas palavras escritas foram:

Estou com todos vocês no esforço de proclamar esse evangelho do reino nesta geração, com o testemunho a todas as nações. E quando isso se completar, será o sinal para a coroação de nosso Rei vindouro. [Vosso irmão] na bem-venturada esperança, Uriah Smith.

Uriah Smith e a Justificação pela Fé

A contenda envolvendo o encontro de 1888 em Mineápolis remonta, na verdade, ao ano de 1884. Na Conferência Geral daquele ano, Alonzo Jones foi encarregado de escrever uma série de artigos que mostrassem o cumprimento das profecias através dos eventos históricos, contando com o apoio de Smith – na ocasião, a maior autoridade da Igreja em interpretação profética. O quadro muda quando, no ano seguinte, em 1885, Jones conclui que os estudos de Smith sobre os dez reinos de Daniel 7 estão incorretos. A partir daí, os pontos de vista em oposição passaram a ser expostos ao público através das duas publicações mais importantes da época: *Signs of the Times* (com sede na Califórnia, e editada por Jones) e *Review and Herald* (com sede em Battle Creek, e editada por Smith).

Smith preocupava-se, de fato, com o efeito que uma mudança na interpretação da profecia de Daniel, ensinada há décadas pelos Adventistas, causaria. Imaginava que o movimento Adventista cairia em descrédito e traria grande confusão sobre as mentes dos membros.

Claramente, o embate entre Smith e Jones tomou uma conotação pessoal e emocional. Esse impasse gerado pela divergência de opiniões pôde ser sentido na declaração em tom de provocação do atrevido Jones nas reuniões de 1888. “O ancião Smith tem dito a vocês que ele não sabe nada sobre esse assunto. Eu sei, e eu não quero que vocês me culpem pelo que ele não sabe”.

Jones simplesmente ignorou a larga diferença de idade e tempo de serviço ministerial em relação a Smith – dezoito e quinze anos, respectivamente. Pelo outro lado, Uriah Smith se mostrou tão “cordial” quanto seu oponente. “Tendo por longo estudo, e

anos de observação na obra, me tornado estabelecido sobre certos princípios, eu não estou preparado para ceder à sugestão de qualquer noviço”.

Paulatinamente a questão central a ser tratada pela igreja deixou de ser a interpretação profética para se tornar um confronto sobre o papel da Lei em Gálatas e o tema da justificação pela fé. Waggoner apresentou na Conferência Geral de Mineápolis ao menos nove palestras envolvendo a Lei e o Evangelho. Dessas, seis estavam centradas na justificação pela fé e sua relação com a Lei, e as restantes lidavam com Gálatas.

A polêmica se instalou poucos anos antes da Conferência de 1888, quando Jones e Waggoner começaram a ensinar que a Lei tratada em Gálatas se referia aos dez mandamentos, ou Lei Moral. Durante décadas a liderança Adventista ensinou e pregou que a Lei Moral era eterna e um reflexo do caráter de Deus, portanto, imutável e não abrogável. Para Smith, e outros líderes conservadores da igreja, a posição de Waggoner e Jones parecia colaborar com a visão do protestantismo contemporâneo: a de que a Lei dos Dez mandamentos fora abolida. Não foi à toa que Smith e os outros líderes da Igreja tomaram uma postura defensiva e tão inflexível.

A perpetuidade do sábado, um dos pilares doutrinários do Movimento Adventista Sabatista, fora ameaçada no entendimento de Smith. E, ainda mais grave, a liderança conservadora da Igreja possuía a concepção de que uma mudança na interpretação da Lei de Gálatas implicava na idéia de que o movimento Adventista fora construído sobre um erro!

Em poucas palavras, para Smith, “depois da morte do irmão White, a maior calamidade que já sobreveio sobre nossa causa foi quando o Dr. Waggoner colocou seus artigos sobre o livro de Gálatas através da *Signs*”.

Importante é que todo esse conflito de idéias e opiniões precisa ser visto sob o prisma da crise da Lei dominical. Naquela época, os Adventistas acreditavam que era iminente uma grande batalha a ser travada pela igreja em função do decreto dominical. Viam que muito em breve seriam argüidos e julgados por tribunais em todo o mundo por se oporem à imposição da marca da besta de Apocalipse 13. Logo, parecia impossível sequer cogitar uma reinterpretação da Teologia Adventista num tempo como aquele.

Knight resume as visões dos dois pólos da controvérsia em duas palavras: “obediência” e “fé”. De um lado, Smith e o grupo conservador da Igreja raciocinavam que o papel da Igreja era proclamar a mensagem do Segundo Advento e também preparar um povo para esse encontro através da obediência. Acreditavam ainda que somente obediência perfeita aos preceitos divinos poderia conduzir o pecador à justificação perfeita. Criam que Cristo justificava o ser humano pecador, e depois disso o “justo” precisava, daí em diante, viver a vida cristã através da plena obediência guardando os mandamentos. No outro lado, Jones e Waggoner apresentavam a mensagem de que a fé em Cristo - e não a Lei - era o que levava o cristão à justificação. Para Waggoner, “tudo que não está totalmente submisso a Cristo é atuado pelo espírito do anticristo”. E Jones ratifica essa idéia. Para ambos, tanto a salvação quanto a justificação operam através da fé.

Em suma, Cristo deixou de ser o tema principal de interesse do povo de Deus. A acirrada disputa estava focada no temor de que os ensinamentos de Waggoner e Jones destruíssem a base doutrinária do Movimento Adventista. Não consideraram a possibilidade de que Deus pudesse estar dirigindo os fatos. Detiveram-se apenas em manter o *status* de uma doutrina bem estruturada, e bem defendida durante décadas. E não foi considerada a natureza progressiva da revelação das verdades bíblicas. Predominaram nas reuniões de 1888 o que Ellen White chamou de “espírito de Mineápolis”.

Ainda que não estivesse de acordo com todos os pontos da explanação de Waggoner na Conferência Geral de 1888, Ellen White se mostrou de acordo com a interpretação de Waggoner e Jones sobre o papel dos Dez mandamentos e sua ligação com o Evangelho da Salvação:

Eu vejo a beleza da verdade na apresentação da justiça de Cristo em relação com a Lei como o Doutor [Waggoner] tem colocado diante de nós. Ela se harmoniza perfeitamente com a luz que Deus tem se agrada em me conceder durante todos os anos de minha experiência.

Influência de Ellen White sobre a aceitação de Uriah Smith

Ellen White teve uma influência decisiva sobre Uriah Smith no processo de sua aceitação da mensagem de justificação pela fé. A oposição de Uriah à mensagem era uma fonte de grande preocupação para a Sra. White. Ela orou e trabalhou arduamente por ele. Felizmente, seu interesse e seu esforço por Uriah Smith não foram em vão. Enxergando o grande potencial do ex-editor e então secretário da *Review*, Ellen White lamentava o fato de um talento tão grandioso em uma mente tão brilhante, como a de Uriah, fosse desperdiçado com tal obstinação.

Sua redação incisiva e lógica apelava às mentes pensantes...poderia ter ajudado a iluminar a terra com a glória da verdade...O Espírito Santo podia ter operado com [Uriah Smith] se o seu coração e mente aguda tivessem se somado à feliz tarefa.

Comentando a postura inflexível do Sr. Smith, Ellen White diz:

O Pastor Uriah Smith pensava que seria melhor que [A. T. Jones] não fosse convidado a falar, pois ele tinha posições bastante fortes. E os arranjos foram feitos para excluí-lo da escola [de Battle Creek].

A ansiedade da Sra. White pela conversão do Pr. Smith se expressa nestas palavras:

Tenho grande sofrimento de coração. Sei que satanás está buscando obter o senhorio sobre os homens. . . . Tais homens, como o Pastor Smith endurecerão seus corações, a menos que vejam e sejam convertidos. Há aqueles que estão olhando ao Pastor Smith, pensando que um homem que tem recebido tão grande luz será capaz de ver quando o bem vem, e reconhecerá a verdade. Mas tem-me sido mostrado que no caráter do Pastor Smith há um orgulho e teimosia que nunca foi plenamente trazido em sujeição ao Espírito de Deus. Vez após vez sua experiência religiosa tem sido maculada por sua determinação de não confessar os seus erros, mas passá-los por alto e esquecê-los. Homens podem acariciar este pecado até não haver mais perdão para eles.

Estas solenes palavras contêm a evidência do amor semelhante ao de Cristo que Ellen White tinha pela alma de Smith.

A serva do Senhor por vezes o repreendia diretamente, considerando-o responsável em grande medida pela rejeição da mensagem de justificação pela fé por parte de outros. Apelos diretos e orações fervorosas marcaram a luta de Ellen G. White pela mudança do Pr. Smith.

A senhora White enviou-lhe dois fortes apelos por escrito, um de treze páginas, escrito em 31 de Dezembro de 1890, e outro de quatro páginas em 6 de Janeiro de 1891,

os quais tiveram uma influência positiva e marcante no posterior arrependimento de Uriah Smith.

Em seu diário, Ellen White registrando seu esforço, escreve:

Eu estivera em agonia de alma a noite toda sem poder dormir. O caso do Pr. Smith pesava fortemente sobre mim. Eu estive trabalhando por ele, pleiteando com Deus, e não pude cessar meu choro perante [o Senhor].

Os resultados de sua intercessão foram aos poucos se tornando visíveis:

Segunda-feira o Pr. Smith veio a mim e tivemos uma conversa séria, fiel. Eu pude ver que ele apresentava um espírito muito diferente do que tinha meses atrás. Ele não estava duro e insensível. Sentiu as palavras que lhe falei, considerou sinceramente o curso que ele tinha tomado, e o dano que causara com sua posição. Ele disse que queria estar em harmonia com os testemunhos do Espírito de Deus. Eu havia escrito treze páginas e enviado a ele... ele veio a novamente ver-me e perguntar se eu iria me encontrar com alguns irmãos especialmente selecionados, pois ele tinha algo a dizer.

A reunião foi em meu escritório e o Pr. Smith deu a carta que eu tinha-lhe enviado, leu diante de todos e disse que aceitava aquilo como vindo do Senhor... ele iria voltar... e fazer uma confissão.

Ellen White acrescenta: "O irmão Smith tem caído sobre a Rocha e está quebrantado, e o Senhor Jesus irá agora trabalhar com ele".

Uriah Smith pede perdão a Ellen White por ter lhe causado tamanha dor. A Sra. White expressa sua incontida alegria na aceitação de Smith: "Agora você vê que eu tenho razão em estar contente, e regozijar e louvar ao Senhor". "Oh, como fiquei contente em ver, ouvir e saber que foram removidas estas coisas que tinham impedido o Espírito de Deus de entrar em nossas reuniões".

A humilde e sincera confissão por parte do Pr. Uriah Smith trouxe grande alívio para a Sra. White e muitos outros que estavam orando e trabalhando seriamente, afim de que um espírito de harmonia substituísse o espírito de discórdia e ciúme que tinha sido evidente desde a seção de Mineápolis em 1888.

Após o dia 7 de janeiro de 1891, em que Smith confessou, diante de Ellen White e um pequeno grupo numa sala privada, seus erros e seu espírito não-cristão, ele repetiu o feito publicamente no sábado seguinte. E ainda no sábado posterior.

O exemplo de arrependimento de Smith, como líder proeminente, através de sua confissão e mudança de atitude, sem dúvida influenciou outros a se arrependerem e confessarem seus rumos errôneos, e mudarem suas atitudes.

CONCLUSÃO

A trajetória de nossos pioneiros não foi incólume e isenta de tropeços. Como seres humanos estamos sujeitos a falhas, erros e “escorregões”. Às vezes o erro consiste em não querer enxergar a realidade dos fatos ou, por orgulho ou qualquer outro motivo, rejeitar uma verdade clara que para nós é inconveniente.

Foi exatamente esse o rastro que Uriah Smith deixou nos anais da Igreja. Um homem de espírito suave que, não obstante, mostrava-se, muitas vezes, inflexível e fechado a novas idéias e compreensões.

Mas a maneira extraordinária como Deus trabalhou com esse homem, bem como o amor paciente e perseverante de Ellen White por sua alma, nos revelam dois aspectos extraordinários da Graça: a longanimidade divina e o princípio da compreensão progressiva. O primeiro destaca a paciência de Deus em relação aos recalcitrantes, que insistem em resistir à clara revelação da verdade. O segundo aspecto introduz a possibilidade de uma verdade dinâmica. O que num dado momento é compreendido em parte e tido como o todo, pode, progressivamente, desenvolver uma melhor compreensão.

Uriah Smith nos serve de exemplo como alguém que, embora relutante a princípio, não resistiu por muito tempo ao amor de Cristo que “nos constrange”. Logo “caiu sobre a Rocha”, e deixou Deus atuar em sua vida. Façamos o mesmo, pois “a vereda dos justos é como a luz da aurora, que vai brilhando mais e mais até ser dia perfeito”(Provérbio 4:18).

REFERÊNCIAS

Collins, Norma J. *Retrato dos Pioneiros* (São Paulo: Casa, 2007).

Enciclopédia *Conhecer*, vol. 11 (São Paulo: Abril, 1973).

Ferch, Arthur J. *Towards Righteousness by Faith: 1888 in retrospect (Wahroonga, New South Wales: South Pacific Division of Seventh-Day Adventists, 1989).*

Honor Due to God.

Knight, George R. *A mensagem de 1888.* (Tatuí, SP: Casa, 2003).

Knight, George R. *Angry Saints.* (Washington: Review and Herald Publishing Association, 1973).

Olson. *Through Crisis to Victory 1888-1901.*(Washington: Review and Herald Publishing Association, 1966).

Christ and His Righteousness.

Robert J. Wieland e Donald K. Short, *1888 Re-examinado*, capítulo 7, "Um exame mais detido das confissões", disponível em <http://br.geocities.com/reexaminado1888/page9.htm>, 7 de Maio de 2008.

Uriah Smith Lake Union Herald 2005, vol. 97, nº 3.

White, Ellen G. *O Grande Conflito*, edição condensada. (Tatuí, SP: Casa, 2004).

White, Ellen G. *Mensagens Escolhidas*, vol. 1.

White, Ellen G. *Testimonies*, vol. 3.